



Imersão Executivos de Valor

Dois dias de atualização e networking com executivos de destaque

[Inscreva-se →](#)

Recuo no tarifação não reverteria prejuízos, defende economista

Para vice-presidente do Corecon, como taxas já vem sendo aplicadas há dois meses, reflexos devem aparecer nos próximos índices de produção industrial

Por Isadora Camargo — De São Paulo

07/10/2025 05h02 · Atualizado agora



Haroldo Silva: Não podemos ceder aos americanos por pressão política nem ficar reféns da China* — Foto: Gabriel Reis/Valor

Uma eventual retirada do tarifaço sobre os produtos brasileiros não reverteria os prejuízos já assumidos pela indústria nacional. É o que avalia o vice-presidente do Conselho Regional de Economia de São Paulo (Corecon-SP), Haroldo Silva. As taxas já vêm sendo aplicadas há dois meses e os reflexos devem aparecer nos próximos índices de produção industrial, já que o setor fala em aperto e aumento de custos na produção. O resultado deve respingar no desempenho do PIB em 2025, cujo o impacto sobre a atividade econômica pode variar entre 0,2% e 1,5%, diz a entidade.

A possibilidade de encerramento do tarifaço de 50% voltou à pauta após a conversa telefônica entre os presidentes Lula e Donald Trump, na qual Lula pediu a suspensão da sobretaxa e das sanções sobre autoridades brasileiras. Mesmo que haja um novo acordo entre os dois países, levaria tempo para se materializar, e os efeitos positivos seriam sentidos só a partir de 2026, diz Silva.

Em relatório, o Corecon destaca que a origem do tarifaço está em razões políticas e eleitorais, mais do que em fundamentos econômicos. Silva acrescenta que o debate de tarifas se soma a um momento de estagnação da

Para Silva, enquanto o mundo acelera a construção de políticas industriais sólidas para evitar tensões globais, o Brasil segue apoiado nas commodities. A exposição da indústria nacional ao tarifaço, agrega, impõe pressão a uma nova política do setor.

Valor: *As solicitações do governo Lula para Trump, se aceitas, terão efeito imediato?*

Haroldo Silva: Esse foi o primeiro passo de algo que demandará algumas rodadas [de negociação]. Talvez tenhamos um afrouxamento das restrições, por exemplo, mais alguns produtos na lista de exceções, mas a retirada das tarifas, mesmo em se tratando de alguém tão imprevisível quanto Trump, arrisco dizer que não ocorrerá no curto prazo.

Valor: *Se a retirada do tarifaço ocorrer ainda este ano, haveria inversão dos prejuízos assumidos pela indústria?*

Silva: Não inverteria. A projeção sobre o impacto do tarifaço sobre o PIB [estimado entre 0,2% e 1,5%] não alteraria, pois as relações comerciais já ocorreram, com algumas antecipações. Embora extremamente positiva a conversa, a normalização das relações comerciais depende do tempo e já estamos no último trimestre. Mesmo um acordo novo demora para que se materialize. As partes envolvidas precisam voltar a renegociar preços e prazos de entrega. Os efeitos devem vir mais para 2026.

Valor: *O impacto do tarifaço para o PIB brasileiro deve afrouxar e a indústria recuperar fôlego?*

Silva: Olhando para 2026, certamente uma normalização das relações pode ser um estímulo adicional para as expectativas do PIB daquele ano. Mas, em 2025, não vejo tempo hábil para efeitos. O tarifaço de Donald Trump afetou a indústria menos do que se imaginava. O Brasil ainda é uma economia relativamente fechada e depende mais da China. Se fosse a China restringindo nossa soja ou milho, o impacto seria maior.

Valor: *Os números de produção industrial em agosto mostraram avanço de 0,8%. O dado leva a otimismo a médio prazo?*

Silva: O crescimento de 0,8% da indústria agora em agosto é um dado que compara o desempenho do mês imediatamente anterior. Algo pontual. Se olharmos o mesmo mês de 2024, notamos que o sinal se inverte, com 0,7% de queda. Isto é, a desaceleração está em curso. Claro: é o que o Banco Central espera, por meio da política monetária severamente restritiva que se mostra mais contundente a cada boletim Focus que mostra a Selic mantida a 15% a.a. e o IPCA em queda para o fim deste ano.

Valor: *As tarifas levantaram o debate de abertura do mercado. Para a indústria nacional ganhar espaço, o que pode ser feito?*

Silva: O ponto central é não trocar uma dependência por outra. Não podemos ceder aos americanos só por pressão política, mas também não podemos ficar reféns da China. Vendemos produtos de baixíssimo valor agregado. A política industrial deveria focar em ampliar a agregação de valor.

Valor: *Quais setores seriam estratégicos para agregar valor?*

Silva: Temos vários, mas destaco a defesa. O Brasil já teve uma indústria de defesa robusta. Chegamos ao absurdo de importar uniformes do nosso próprio Exército. Foi consequência de uma legislação que obrigava a comprar

Valor: *Hoje, o que trava a indústria brasileira?*

Silva: O juro. Um empresário que vai ao sistema financeiro comum paga 25% ao ano para tomar crédito. Que negócio consegue entregar 25% só para pagar o custo de capital?

Valor: *No tabuleiro político, o que esperar da pauta industrial para 2026, ano de eleição?*

Silva: O empresariado, sobretudo paulista, tem grande resistência à figura de Lula. Alckmin ajuda a aproximar, mas há muita desconfiança. O risco é que, na campanha, a agenda da indústria perca espaço para medidas populistas de curto prazo. Política industrial não pode virar segundo plano - porque aí vamos repetir erros do passado.